



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



X Simpósio
de Design
Sustentável
Mundos por vir_



INSTITUTO
FEDERAL
Maranhão



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

Design, Cadeia Produtiva do Artesanato e o Papel dos Atravessadores: estudos de reconhecimento

Design, the craft production chain, and the role of the intermediaries: studies of recognition

Herik Lucas Costa Seixas¹, Fabiane Rodrigues Fernandes², Inez Maria Leite da Silva³,
Cássia Cordeiro Furtado⁴, Raquel Gomes Noronha⁵

¹Universidade Federal do Maranhão, Mestrando, hlc.seixas@discente.ufma.br

²Universidade Federal do Maranhão, Doutora, fabiane.fernandes@ufma.br

³Universidade Federal do Maranhão, Doutora, inez.silva@ufma.br

⁴Universidade Federal do Maranhão, Doutora, cassia.furtado@ufma.br

⁵Universidade Federal do Maranhão, Doutora, raquel.noronha@ufma.br

Resumo. Historicamente, associa-se a institucionalização do design enquanto campo à ascensão industrial. O impacto dessas forças transformadoras ratificou um sistema de políticas desenvolvimentistas e ocasionou diversos problemas e mudanças de comportamentos afetando as formas de trabalho, a cadeia produtiva, bem como, a convivência das pessoas e o papel do Estado. Nesse contexto, este artigo tem anseios de reconhecimento da temática na tentativa por encontrar outros estudos que debatam a relação do design com a cadeia produtiva do artesanato, levando em consideração a atuação de atravessadores. A pesquisa tem características de natureza teórica, sob abordagem qualitativa, com objetivos exploratórios e, para sua coleta de dados, desenvolveu-se uma Revisão Bibliográfica de Escopo. Como resultados encontrados, com ênfase no contexto cultural do nordeste brasileiro, tecemos reflexões sobre práticas que reforçam o paradigma dominante, destacando a necessidade de soluções viáveis à autonomia dos artesãos, recomendando futuras pesquisas no aprofundamento das relações da cadeia produtiva artesanal.

Palavras-chave. Design; Artesanato; Cadeia produtiva; Atravessadores.

Abstract. Historically, the institutionalization of design as a field has been associated with industrial ascent. The impact of these transformative forces reinforced a developmentalist policy system and caused various problems and changes in behavior, affecting forms of work, the productive chain, as well as people's coexistence and the role of the State. In this context, this article aims for recognition of the topic in an attempt to find other studies that discuss the relationship between design and the artisanal productive chain, taking into account the role of intermediaries.



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



X Simpósio
de Design
Sustentável
Mundos por vir_



INSTITUTO
FEDERAL
Maranhão



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

The research has theoretical characteristics, with a qualitative approach, exploratory objectives, and for data collection, a Scoping Literature Review was developed. As results found, with emphasis on the cultural context of the Brazilian Northeast, we weave reflections on practices that reinforce the dominant paradigm, highlighting the need for viable solutions to the autonomy of artisans, and recommending future research to deepen the understanding of the relations within the artisanal productive chain.

Keywords: Design; Handicraft; Production chain; Intermediaries.

1 Introdução

Entre meados do século XVIII e fins do século XIX correspondente ao surgimento do sistema de fábricas, o qual intitulamos de Revolução Industrial Europeia, houve um aumento estonteante da oferta de bens de consumo, combinado com a queda dos custos, ambos provocados por mudanças de organização e tecnologias produtivas. Nesse entremeio, segundo Cardoso (2016), as atividades de projetar e fabricar artefatos, exercidas há muito em relativo silêncio, migraram para o centro e dedicaram seus esforços à imensa tarefa de conformar estruturas e a aparência dos produtos de modo que ficassem mais atraentes ao mercado. Nesse determinado estágio da história do capitalismo nasce o design, em seu processo de institucionalização, desempenhando papel vital na criação da riqueza industrial. Longe de ser uma atividade artística neutra e inofensiva, por sua própria natureza, tem o propósito de provocar efeitos duradouros, tangíveis e permanentes às ideias sobre quem somos e como devemos nos comportar, destaca Forty (2007).

No contexto de uma nova ordenação social, Ribeiro (2015) aponta que o impacto das forças transformadoras da industrialização provocou uma era de revoluções sociais em todo o mundo. As formas de fazer comércio deram destaque ao mercantilismo industrial, enfatizando o desenvolvimento da produção em escala e a busca por uma autossuficiência econômica, desencadeando mais a frente um sistema de políticas desenvolvimentistas hegemônicas liberais, atrelando-se diversos problemas – sociais, culturais, ambientais e econômicos – e comportamentos que afetaram as formas de trabalho, as cadeias produtivas, bem como a convivência das pessoas e o papel do Estado na produção. Além dessas transformações, cabe aqui enfatizar: os trabalhos artesanais declinaram, foram substituídos pela produção rápida industrial, tornando-se paulatinamente invisíveis e suas práticas cada vez mais marginalizadas, ajudando a transformar mestres artesãos em trabalhadores assalariados.

Nessa circunstância, qualquer explicação da mudança deve apoiar-se em uma compreensão de como o design afetou os processos de economias modernas, detendo poderes de disfarçar, esconder e transformar para o progresso das sociedades industriais, enfatiza Forty (2007). Contudo, na contemporaneidade, nota-se uma reaproximação de



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



X Simpósio
de Design
Sustentável
Mundos por vir



campos – design e artesanato – à vista de uma revalorização e ressignificação da prática artesanal, influenciada, por mais paradoxal que seja, pelo processo de globalização. Posicionando, assim, a vertente do trabalho do designer a partir da sua capacidade de mediar e tangibilizar os processos projetuais, com o intuito de criar soluções que viabilizem as demandas de suas próprias realidades, corrobora Mazini (2017).

As influências ameríndias, europeias e africanas destacam a região nordeste como forte polo nacional de desenvolvimento artesanal tradicional¹ no Brasil, resguardando saberes e práticas ancestrais. Os indígenas já produziam diversificados artefatos a partir de fibras vegetais e dominavam técnicas específicas de tecelagem do algodão; os colonizadores, somaram a essa base cultural uma arte popular, com ênfase em diversos bordados e complexas rendas feitas em bilros; por fim, o povo africano, historicamente trazido como pessoas escravizadas ao Brasil, contribuiu com seu trabalho cerâmico em argila. Nesse processo de territorialidade², vemos riquezas materiais e imateriais incontestáveis.

Nesse panorama, o artesanato que por muito tempo e por muitos era visto como atividade econômica marginal, hoje é tratado como atividade regular inserida no mercado competitivo, destaca Lemos (2011), e assim, nessa conjuntura, políticas de trabalho, cultura e desenvolvimento foram elaboradas e instituídas no país. Por outro lado, considerando especificamente a estrutura do sistema de comércio desses produtos, vale acentuarmos as relações que se engendram com os artesãos: a disputa entre o que o mercado deseja e como os artesãos se adequam a essas demandas, como frisa Noronha (2017). Nesse campo, o “mercado” abre espaço para múltiplos e profusos fatores de reflexão e suas “forças” na relação de valor³ na cadeia produtiva.

Neste contexto, o design tem se aproximado de comunidades produtoras de artesanato sob diversos ângulos de atuação, muitas vezes na premissa de produção de artefatos, gerando alimento ao sistema capitalista de mercado, contribuindo e favorecendo a presença de intermediadores nessas tramas. Por esse ângulo, pouco se discute sobre essas abordagens e os impactos que elas geram para os territórios e seus atores - artesãos, sobressaindo a narrativa duvidosa de propulsão de desenvolvimento (Portela, 2018; Lima, 2018).

O processo investigativo tem por base a seguinte pergunta norteadora: **Na complexa constituição das cadeias produtivas de artesanato, considerando-se a presença**

¹ O artesanato qualificado como tradicional, é caracterizado como “conjunto de artefatos mais expressivos da cultura de um determinado grupo, representativo de suas tradições e incorporados à vida cotidiana, sendo parte integrante e indissociável dos seus usos e costumes.” (BRASIL, 2012, p.29).

² Territorialidade, portanto, “possa vir a ser encarada tanto como o que se encontra no território, estando sujeita à sua gestão, como, ao mesmo tempo, o processo subjetivo de conscientização da população de fazer parte de um território, de integrar-se em um Estado” (ANDRADE, 2004, p.20).

³ Entendemos o *valor* a partir da relação das artesãs com seus produtos, com os agentes que mediam as vendas, suas representações sobre custos de produção e manutenção dos espaços de trabalho e sobre o que identificam como qualidades e atributos do seu artesanato” (Noronha, 2011, p.99).



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir_



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

de atravessadores e o design visto como ferramenta de potencialização da autonomia, quais os aspectos relevantes na contemporaneidade em estudos situados? Dessa maneira, esse estudo revela anseios de reconhecimento da temática, referindo a fase inicial de uma pesquisa em andamento, na tentativa por encontrar outros estudos que debatam a relação do design com a cadeia produtiva do artesanato. De modo geral, objetiva-se decerto discutir o papel presença do design na cadeia de produção do artesanato, levando em consideração as tarefas relacionadas à criação, produção, comercialização e o consumo dos artefatos.

2 Referencial Teórico

2.1 Artesanato: conceituação

A compreensão do que é artesanato, assim como o que seria design permitem vários entendimentos. Numa visão coloquial, podemos dizer que o artesanato representa uma enorme herança cultural do povo brasileiro; a riqueza que ele carrega seja nas cores, nas formas, nos pontos, entre outros aspectos, conta nossa história e dignifica a vida de muita gente através do trabalho Brasil adentro. Mais ainda, pela caracterização de Brandão (2012), podemos defini-lo como uma atividade cultural, na medida em que é construída, transmitida e modificada ao longo do tempo, perpetuando modos de vida, saberes e fazeres. Por outra vertente, agora mais técnica e política, o Programa do Artesanato Brasileiro (PAB)⁴, classifica-o como “toda produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha domínio de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural” (Brasil. 2012, p.12). Ainda nessa argumentação, mas agora por aspectos mais sensíveis, Adélia Borges (2011), baseada pela atribuição da UNESCO⁵ em 1997, reforça sobre a natureza desses produtos que derivam características utilitárias, estéticas, artísticas, simbólicas, culturais e significativas à vista social.

No objetivo de chegarmos numa noção de artesanato delineada quanto ao escopo do estudo, Canclini (1983) colabora enfatizando:

Falar sobre artesanato requer muito mais do que descrições do desenho e das técnicas de produção: o seu sentido só é atingido se o situamos em relação com os textos que o predizem e o promovem (mitos, decretos, folhetos turísticos etc.), em conexão com as práticas sociais daqueles que o produzem e o vendem,

⁴ Programa Federal instituído pelo Decreto Nº. 3.189/1991, que visa coordenar e desenvolver atividades para a valorização do artesanato brasileiro (Brasil. 2012, p.12).

⁵ Os produtos artesanais são aqueles produzidos por artesãos, seja totalmente à mão, com a ajuda de ferramentas manuais ou mesmo de meios mecânicos, desde que a contribuição manual direta do artesão permaneça sendo o componente mais importante do produto final. São produzidos sem limitação quanto à quantidade e utilizando matérias-primas provenientes de recursos sustentáveis. A natureza especial dos produtos artesanais baseia-se em suas características distintivas, que podem ser utilitárias, estéticas, artísticas, criativas, vinculadas à cultura, decorativas, funcionais, tradicionais, simbólicas e significativas religiosa e socialmente (UNESCO, 1997). Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000111488>



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



X Simpósio
de Design
Sustentável
Mundos por vir



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

observam-no ou o compraram (numa aldeia, num mercado etc.) com relação de lugar que ocupa junto a outros objetos na organização social do espaço (verduras ou antiguidades, sobre um chão de terra batida sob a astúcia sedutora das vitrines) (Canclini, 1983, p. 51).

Outra reflexão que soma a essa perspectiva é de Lia Krucken (2009, p.17), em sua obra visceral “Design e Território”, a Autora argumenta que os produtos artesanais, fortemente relacionados com o território e a comunidade que os gerou, “são os resultados de uma rede, tecida ao longo do tempo, que envolve recursos da biodiversidade, modos tradicionais de produção, costumes e também hábitos de consumo”. Portanto, “necessitamos estudar o artesanato como um processo e não como um resultado, como produtos inseridos em relações sociais e não como objetos voltados para si mesmos” (Canclini, 1983, p. 53). Nesse contexto, Sirito e Anastassakis (2024) corroboram, encarar tanto o design como artesanato como fins por si próprios, reduz as possibilidades de promover transformações sociais reais, fazendo com que projetos de fomento resultem em produtos obsoletos, muitos sem alcançar um de seus principais objetivos: a autonomia daqueles que os produzem.

Dessa forma conseguimos enxergar nitidamente o amplo campo de trabalho com diversas fronteiras a pensar e refletir a trama de produção do artesanato e, certamente, o design. Que se aproxima com uma possibilidade de mediação e reforço desses sentidos.

2.1.1 Política e Relações Contemporâneas

A trajetória brasileira das políticas culturais produziu tristes tradições e enormes desafios, conceitua Rubim (2012), e podem ser emblematicamente sintetizadas em três palavras: ausência, autoritarismo e instabilidade, complementa. Adentrando nesse complexo, o sistema desenvolvimentista hegemônico, na necessidade de expandir-se econômica e ideologicamente, respondendo aos reclamos do consumo popular, promoveu mudanças nos objetos artesanais e suas relações para incorporá-los ao capitalismo, alterando ciclos na produção, circulação e consumo, expõe Canclini (1983); podendo, resumidamente, mensurar a sua função econômica, de serem instrumentos para a reprodução social; a função política, a luta pela hegemonia; e a função psicossocial, de construir o consenso, e a identidade; complementa o autor.

Essa reorganização do espaço, a transformação de contexto e de significado se tornou um recurso indispensável para que a burguesia edificasse sua influência, explicita Canclini (1983). Dessa forma, o interesse pelo artesanato não é unicamente econômico, para atenuar a miséria, nem somente por efeitos políticos de reorganização de sentidos para subordiná-los à ideologia dominante, mas também para proporcionar lucros fáceis aos intermediários privados – os atravessadores – como alguns organismos estatais, complementa o autor.

Nesse ponto, há um destaque no papel político, onde o sistema democrático dominante se torna incapaz de garantir respeito à autonomia étnica dos artesãos.



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir_



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

Facilitando a operação de “forças” na relação de valor⁶. Sendo necessário trazer à tona,

Que o mundo capitalista é cheio de abusos e maus-usos, injustiças e outros defeitos, não é nenhuma novidade, mas de todas as atividades pouco ortodoxas do mundo capitalista, com certeza a pior é a do intermediário, do atravessador, figura que nada produz e arrecada seu lucro comprando normalmente a prazo de quem produz e vendendo normalmente à vista ou financiado ou ainda, em prazo menor que comprou, ao consumidor final, ficando sempre com a maior parte (CICHETTO, 2002, apud Oliveira, Mayorga, 2005, p.3).

Ao mesmo tempo que, esses sujeitos além de promoverem o artesanato, incentivam com as suas práticas a cisão entre os indivíduos e a comunidade – na relação econômica, selecionam os que trabalham melhor; no nível político: acentua os conflitos entre grupos e líderes através da distribuição de auxílios e a exigências de exclusividade nos acordos pessoais; e propicia-se também a desconexão entre o indivíduo e a sociedade quando se modifica o vínculo entre os artesãos e os seus produtos: as sugestões de desenhos que sejam capazes de diferenciar as peças de cada produtor e valorizá-lo no mercado, enfatiza categoricamente Canclini (1983).

Numa sociedade extremamente desigual e heterogênea como a brasileira, a política deve desempenhar importante papel ao mesmo tempo em relação à democratização da estrutura ocupacional que se estabeleceu, e à formação do cidadão, do sujeito em termos mais significativos do que torná-lo “competitivo frente à ordem mundial globalizada” (Hofing, 2001, p.40).

Assim, uma relação-chave é a existente entre democracia, inovação e design, com uma crítica forte aos conceitos elitistas das indústrias culturais e à ‘classe criativa’, que reduzem a inovação a um grupo de especialistas ao serviço do capital, expõe Escobar (2016, tradução nossa). Nessa perspectiva, Noronha (2011, p.127) discute o papel dos designers nessas práticas, propondo, com isso, um deslocamento estratégico “do centro dos processos para o meio deles”, a fim de melhor se “alfabetizarem na linguagem do outro”, no sentido de mediar o léxico inerente de cada comunidade, do repertório teórico do nosso campo de atuação e do mercado.

2.2 Design e Território

O design tem assumido novos territórios e fronteiras na contemporaneidade, desde os movimentos históricos datados dos séculos XVIII e XIX há uma preocupação e o interesse com a sociedade e com as ações sociais. “O foco na atividade de design se ampliou de maneira a aproximá-lo de contornos e de fronteiras anteriormente tidas como longínquas”, conceitua (Krucken, 2009, p.10). Nessa perspectiva, Margolin (2006) incita o designer a refletir como desenvolver valores de referência que possa guiá-lo no sentido de fazer julgamentos sobre o modo pelo qual gostaria que o mundo fosse. Ao passo que, podemos

⁶ “Entendemos o valor a partir da relação das artesãs com seus produtos, com os agentes que mediam as vendas, suas representações sobre custos de produção e manutenção dos espaços de trabalho e sobre o que identificam como qualidades e atributos do seu artesanato” (Noronha, 2011, p.99).



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



X Simpósio
de Design
Sustentável
Mundos por vir_



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

vincular essas ações ao observar e relacionar questões da sociedade e do sujeito social por meio de uma proposta de intervenção, que pode ser construída através de diferentes caminhos e bifurcações, sugere Moura (2018).

Eu vejo o designer como tendo três possibilidades de introduzir seu próprio talento para a cultura. A primeira é por meio do design, que é, fazendo coisas. A segunda é por meio de uma articulação crítica acerca das condições culturais que elucidam o efeito do design na sociedade. E a terceira possibilidade é por meio da condução de um engajamento político (Margolin, 2006, p.150)

Considerando a relevância para o mundo globalizado, o diálogo entre o design e as tradições artesanais, necessita da sensibilização e colaboração dos seus atores - artesão e designer – quanto a importância de um campo de sinergia e complementaridade. Assim, Raquel Noronha propõe “a definição de colaboração como trabalho em comum acordo implica a construção da comunhão (*commoning*) que, para Ingold (2020), implica a construção de espaço de diálogo a partir do direcionamento da atenção” (Noronha, 2022, p.60).

Nesse percurso, Escobar (2016, tradução nossa) preconiza “mudar tradições tradicionalmente”, uma derivação autopoietica, para “mudar a maneira como mudamos”, designando as condições necessárias para preservá-la, uma transição do desenvolvimentismo heterônomo para projetos de vida autônomos.

Nessa transição para uma sociedade em rede e sustentável, todo design se torna uma atividade de pesquisa e deveria promover experimentos sociotécnicos, consistindo em um processo de aprendizagem social amplo e complexo, através do qual tudo o que pertence ao modo hegemônico de pensar e de se comportar no antigo mundo deverá ser reinventado, reforça Manzini (2017). O autor também cita que esse processo demanda a produção e a disseminação de um conhecimento de design capaz de empoderar indivíduos, comunidades e instituições para a invenção e o aprimoramento de novas maneiras de ser e de fazer coisas.

Embora “a nossa forma de projetar – imaginar e intervir no futuro, – tornou-se preponderante àquelas autóctones, legitimada pelo arcabouço epistêmico ocidental capitalista” (Noronha, 2022, p.60), a abordagem do design nesse artigo busca a produção de coerência e seus resultados perpassam pelo conceito de inovação social, exposto por Bonsiepe (2011). Que por sua vez, atribui como sendo novas ideias que atendem a necessidades sociais e, ao mesmo tempo, criam novas relações ou colaborações sociais (Manzini, 2017).

3 Metodologia

3.1 Caracterização da Pesquisa

Esta pesquisa tem a seguinte classificação: de natureza teórica, sob abordagem qualitativa, com objetivos e nível de conhecimento exploratório, embasado por Santos (2018) e Gil (2002) e, para sua coleta de dados, procedimentos técnicos serão realizados por meio de uma Revisão Bibliográfica de Escopo.



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir_



Com a intenção de trazer resposta à questão formulada e identificar as lacunas de conhecimento nessa temática foi realizada uma Revisão de Escopo, definida por Arkse e O'Malley (2005) como um tipo adicional de revisão de literatura, cuja técnica é oportuna para “mapear” estudos relevante no campo de interesse, esclarecer conceitos que sustentam a área e as principais fontes e tipos de evidências disponíveis. Além disso, os objetivos da escolha do método de investigação servem para examinar a extensão e natureza das produções, esclarecer conceitos fundamentais, identificar a viabilidade das limitações do campo, conforme complementa Cordeiro e Soares (2019).

3.2 Procedimentos Adotados

Operacionalizando a pesquisa, após definida as unidades temáticas e delimitado o campo, foram estabelecidas quatro bases de dados para a investigação: Periódico CAPES, SciELO, OASISBr e Blucher Proceedings; ambas foram escolhidas pela disponibilidade, dinamicidade no agrupamento de materiais nacionais e internacionais e/ou a celeridade das ferramentas de filtragem.

Seguindo o processo de desenvolvimento do conhecimento, ferramentas e critérios organizados de forma lógica definiram a conduta a ser adotada para a investigação e estabelecendo, assim, o protocolo, como bem conceitua Santos (2018) e Gil (2002) essa ferramenta é uma das formas de aumentar a confiabilidade do estudo. Para a obtenção de resultados em concordância com a linha de pesquisa e com as informações protocolares estabelecidas, os instrumentos de filtragem das bases de dados escolhidas se mostraram ótimos aliados para catalisar o processo investigativo. O Quadro 1 sintetiza todos os parâmetros definidos:

Quadro 1 – Critérios para Revisão de Escopo

Itens	
Bases de dados	Periódico da CAPES, SCIELO, Oasisbr, Blucher Proceedings
Tipo de documento	Artigos
Área de concentração	Design, Ciências Sociais Aplicadas
Período	2015 a 2025 (últimos 10 anos)
idiomas	Português, espanhol e inglês
Pergunta	Na complexa constituição das cadeias produtivas de artesanato, considerando-se a presença de atravessadores e o design visto como ferramenta de potencialização da autonomia, quais os aspectos relevantes na contemporaneidade em estudos situados?
Palavras-chaves	design, cadeia produtiva, artesanato, atravessador;
Critérios de inclusão	estudos relevantes em comunidades produtoras de artesanato, que tiveram presença de designers, com/sem intervenções em seus processos produtivos; análise fatores de atravessamentos; em distintos territórios brasileiros; com/sem uso de ferramentas específicas de trabalho;
Critérios de exclusão	não possuem relação com o design, o artesanato, a cadeia produtiva e o papel do atravessador; com acesso corrompido ou privado; estudos com informações irrelevantes para o mapeamento dos dados de acordo com o objetivo da pesquisa;

Fonte – Elaborado pelos autores (2025)



Na atribuição das palavras-chaves e o jogo de combinação que necessita o estudo, a seleção ficou concentrada em três (03) grupos de vocábulos. A primeira combinação foi mais específica e clara quanto ao tema, no intuito de constatar pesquisas diretamente associadas; a segunda combinação teve o propósito de detectar as dimensões das atuais pesquisas de design especificamente no que tange ao atravessador em seus processos; a última combinação foi mais ampla, desassociando a palavra de design para detectar os estudos a respeito desse universo sem a presença de mediadores (o designer). Conforme podemos ver no Quadro 2:

Quadro 2 - Grupos de palavras-chaves

Itens	Combinação de palavras-chaves
Grupo 1	design + “cadeia produtiva” + artesanato diseño + “cadena de producción” + artesanía design + “production chain” + handicraft
Grupo 2	design + artesanato + atravessador diseño + artesanía + intermediario design + handicraft + middleman
Grupo 3	cadeia produtiva + artesanato + atravessador cadena de producción + artesanía + intermediario production chain + handicraft + middleman

Fonte – Elaborado pelos autores (2025)

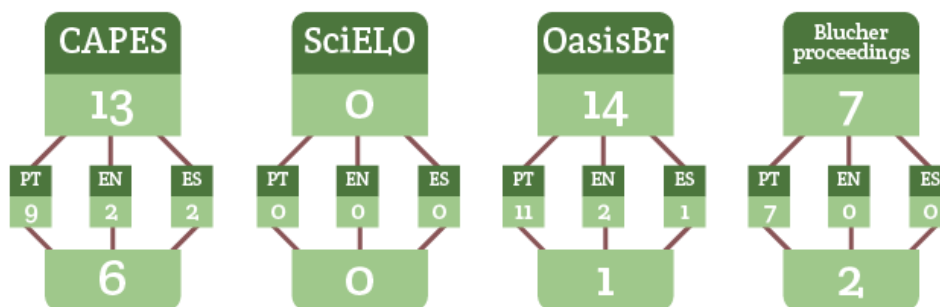
Nota-se que todas as combinações em seu grupo vocábulo, foram buscadas em diferentes variações de idioma, com as devidas adaptações específicas da língua. Um caso específico, na língua portuguesa optou-se por utilizar o termo “atravessador” ao invés de “intermediário”/“intermediador”, visto esta ser a nomenclatura mais utilizada no contexto da produção artesanal. Nos outros idiomas utilizou-se a tradução do termo. No contexto brasileiro, vale ressaltar, a palavra “intermediário” na maioria dos trabalhos encontrados aparece em conotações associadas a “meio-termo”, “representante” ou “intercessor”. Dessa forma, fica distante do pressuposto que estamos pretendendo investigar

3.3 Resultados e discussão

No que tange a questão norteadora e mediadora de estudo para entender os aspectos relevantes do design no complexo da cadeia produtiva do artesanato em contextos situados, as pesquisas escolhidas objetivamente para análise situaram-se em abordagens que mostraram claramente as influências do design no processo produtivo, entre alguns estudos de casos com abordagens práticas e levantamentos teóricos. Ao todo, foram identificados trinta e quatro (34) artigos científicos, entre derivações e compilados de dissertações e teses, relatos de experiências de projetos de pesquisa e/ou extensão e análises comparativas de trabalhos. Conforme podemos ver o esquema de quantificação na Figura 1:



Figura 1 – Esquema da seleção dos trabalhos nas bases de dados/idiomas



Fonte – Elaborado pelos autores (2025)

Na primeira triagem, foram consideradas as informações iniciais (título, resumo e palavras-chaves), onde foram excluídos os estudos repetidos, e todos os que se aproximavam mais do campo delimitado pelo protocolo foram selecionados, resultando em um total de nove (9) artigos. Seguindo o processo, uma leitura mais aprofundada dos materiais foi feita, levando em consideração nesse estágio todas as informações viscerais (introdução, desenvolvimento, metodologia, análises e conclusão). Uma síntese dos estudos pode ser vista no Quadro 3:

Quadro 3 - Síntese dos estudos analisados

Autor/Ano/Local	Estudo	Termos associados	Instrumentos	Análise
Gonçalves et al. (2023) - Belém/PA	Trata-se de um mapeamento da cadeia produtiva de joias de território do Pará; com o objetivo de transcrever a análise dos dados e gerar recomendações;	Design e gestão, Design e artesanato;	Modelo de Análise da Cadeia Produtiva do Artesanato do Laboratório de Design "O Imaginário" /UFPE	Atribui a cadeia produtiva enfoques de extração / tratamento / criação e design / montagem / publicidade / vendas e pós-venda; Outro ponto, os atravessadores presentes no contexto, estão contidos no estágio da aquisição de matéria-prima, dificultando o compartilhamento do saber;
Saraiva et al. (2019) - São Luís/MA	Trata-se de um relato de experiência do Projeto de Extensão "Artesanato no Maracanã", junto a um grupo produtor de Juçara, onde foram desenvolvidos produtos ao final do processo;	Design etnográfico, Design e Território;	Metodologia de Design Etnográfico (Noronha, 2012);	O estudo elaborou a cadeia produtiva para o trabalho com sementes de juçara, revelando às artesãs a necessidade de desenvolvimento de produtos identitários e o design se pôs como mediador desses interesses à vista gerar renda e fortalecer a atividades;
Santos et al. (2023) - Caruaru/PE	Trata-se da explanação dos resultados do projeto "Flores do barro" onde propuseram estratégias por meio do design para potencializar recursos para a produção e comercialização de peças cerâmicas;	Design e sustentabilidade, Design e gestão;	Modelo de Análise da Cadeia Produtiva do Artesanato do Laboratório de Design "O Imaginário" /UFPE	Identifica a cadeia produtiva em três pilares: fornecedores, produtores e consumidores; Por meio do design, com seu caráter dialógico, contribuições foram percebidas: identificação de oportunidades de melhorias, valorização feminina artesã e fortalecimento de tradições;



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir_



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

Tabosa et al. (2016) - Cabo de Santo Agostinho/PE	Trata-se da apresentação dos resultados do Projeto de Pesquisa "Modelo de análise da cadeia produtiva do artesanato", baseados pelos preceitos da Economia Criativa, junto a um grupo de ceramistas;	Design e território;	Protocolos de Identificação de matérias-primas, processos produtivos e acesso a mercado, de futuro, cidadania e reconhecimento, redes e vendas;	Atribui a cadeia produtiva uma incógnita, incluindo artesãos, órgãos governamentais e não governamentais, intermediários, formadores de opinião e consumidores; Concluem que a cadeia do artesanato rompe o paradigma de que suas etapas aconteçam de forma linear e unidirecional pela produção, no entanto, consideram todo o encadeamento de transformação da matéria-prima com finalidade econômica;
Nonato; Cavalcanti (2016) - Pedro II/PI	Trata-se de uma análise das ações do design como instrumento a serviço do desenvolvimento sustentável local na Associação Xique-Xique;	Design e sustentabilidade;	Protocolos de pesquisa: para o piloto e para o estudo de caso e análises;	Considera a cadeia produtiva o envolvimento do artesão, associação/cooperativa, fornecedores de matéria-prima, vendedores do produto acabado e o consumidor; O design se portou como agente agregador de valor, capaz de gerar competitividade ao produto no mercado.
Rituay et al. (2019) - Chachapoyas, Peru	Trata-se de um trabalho descritivo da cadeia produtiva local, identificando a produção e os atores envolvidos, no objetivo de propor estratégia para melhorar a comercialização do artesanato na região amazônica do Peru;	Design e inovação;	Para coletar as informações, o autor utilizou a técnica de questionário, validado por especialistas, e na análise dos dados seguiu parâmetros estatísticos de "Alfa de Cronbach";	Identificou o baixo nível de produtos artesanais, associando parâmetros de design e inovação, identificando por consequência a falta de identidade cultural; Consideram a cadeia produtiva, nesse contexto: produtores (associações), comercializadores (lojas de artesanato) e clientes (turistas);
Noronha et. al. (2022) - Alcântara/MA, Matinha/MA, São Luís/MA	Trata-se da apresentação de resultados de pesquisa em três grupos produtivos do Maranhão; gerando discussão no âmbito da promoção da autonomia econômica feminina e o uso de parâmetros institucionalizados, como os de mensuração de empoderamento feminino, e como isso é refletido na cadeia produtiva à vista das mulheres;	Design participativo, Design anthropology, Design e ação política;	Fotoelicitación; mapeamento de cadeias produtivas e a cocriação de materiais para a comercialização de produtos artesanais;	Na percepção da cadeia produtiva, perpassam conceitos como "lida" (trabalho), "luta" (resistência), além de valores de bem-estar, e autonomia financeira, além de preocupações com o "futuro";



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir_



Ramos et. al, (2019) - Itapema/SC	Trata-se da explanação dos resultados de um diagnóstico de design desenvolvido pela ITCP e pela Of.Design (Oficina Acadêmica de Design) da UNIVALI, junto à Associação dos Artesãos de Meia Praia, onde por meio de ações de gestão foi possível identificar fraquezas e oportunidades para a geração de renda por meio do artesanato.	Gestão do design;	Análise de SWOT/FOFA, Metodologia de Frascara (2000);	Associam a cadeia produtiva a um empreendimento social, com participação de membros da comunidade, que visam a sustentabilidade e melhoria da qualidade de vida por meio dos seus produtos. Nesse aspecto, atribuem o design com mediador, e vinculam as ações de gestão, desempenhadas por ele, como contribuinte para diferenciação, divulgação, preço, promoção etc. necessários para o “desenrolar” do processo produtivo.
Fronza; Mello, (2022) - Barcelos/AM, Jaguaruana/CE, Itaiçaba/CE, Palhano/CE e Iguape/SP;	Trata-se de uma análise comparativa de três projetos (Brasil Original, CASA AMA e CRIQUÊ) que envolveram designers e artesãos de comunidades tradicionais distintas indígenas, sertanejas e caiçaras; atribuindo indicadores do design como instrumento sustentável de desenvolvimento nas comunidades.	Design e território, Descolonização; Design de produto;	—	Vinculam a cadeia produtiva à economia criativa, como um conjunto de atividades baseadas em saberes e fazeres e através de suas técnicas e inovações (propostas por designers) agregam valor aos produtos, promovem cultura, geram riqueza e se constitui um poderoso instrumento de alavancagem de desenvolvimento socioeconômico. Definindo, assim, o processo produtivo: produção (artesanato), circulação (intermediários, feiras, mercados e lojas) e consumo (receptores);

Fonte – Elaborado pelos autores (2025)

Nos artigos analisados e como uma das metas da investigação, foi possível identificar as literaturas discutidas por eles. Nessa perspectiva, conseguimos atribuir três eixos teóricos centrais de filtragem, levando em consideração principalmente a temática do nosso estudo: (1) Design, (2) Artesanato e (3) Cadeia Produtiva. No Quadro 4, a seguir, podemos entender melhor o agrupamento dos autores:

Quadro 4 – Agrupamento de Literaturas encontradas

Tema	Literatura/Autores
Design	Papanek (1971), Bonsiepe (2011, 2012), Cardoso (2008), Andrade (2015) Noronha (2012, 2018), Fry (2020), Tunstall (2013), Escobar (2016), Frascara (2000), Best (2012), Martins (2006);
Artesanato	Canclini (1983), Gullar (2000), Borges (2011), Krucken (2009, 2012), Noronha (2011, 2017, 2020), Cavalcanti (2020), Andrade (2015), Lauer (1983), SEBRAE (2015);
Cadeia Produtiva	Barbosa e Silva (2022), Krucken (2009), Noronha (2012), Manzini e Vezzoli (2008), Howkins (2001), AFNOR (2012), Buarque (2008), Cavalcanti (2015), Manzini (2015), Tabosa et al. (2016), Escobar (2016), Melo Neto; Froes (2002), Reis; Deheinzelin (2019), Santos (1985).

Fonte – Elaborado pelos autores (2025)



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



X Simpósio
de Design
Sustentável
Mundos por vir_



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

Tratando-se da permeabilidade das literaturas nos artigos, suas mensagens e a forma como foram contextualizadas é possível deduzir e, de certa forma, situar o cenário atual de trabalho do design e artesanato e a cadeia produtiva, levando em consideração o recorte de estudo e as considerações dos autores dos artigos.

No âmbito do **design**: autores clássicos como Victor Papanek (1971), Rafael Cardoso (2008), Gui Bonsiepe (2011) e Ezio Manzini (2015) aparecem com bastante frequência nas escritas e nos dão consciência da atribuição do papel profissional do designer - comumente citado como agente – de mediação de interesses sociais perante o território em comprometimento com o desenvolvimento do artesão/local. Percebe-se que no contexto da relação com artesanato, os teóricos clássicos supracitados e outros mencionados no agrupamento, abrem caminhos, embora ainda muito estreitos, para o desenvolvimento de uma contranarrativa fundamental para superação dos paradigmas.

Embora haja essa fresta, muitos dos autores posicionam o design dentro de um padrão de atuação como produtor de alimento para o sistema capitalista. Embora versem sobre um design socialmente responsável, que busque pela sustentabilidade, empoderamento tanto do artesão como comunitário, que atue sob a noção da economia solidária e/ou criativa, entre tantos outros aspectos, o designer segue sendo um importante personagem no fortalecimento do sistema dominante. O discurso muito distante da prática e seus efeitos.

No âmbito do **artesanato**: Néstor Canclini (1983) e Lia Krucken (2009) são os mais citados tratando-se da contextualização do termo e a profundidade de como relaciona-o com o território, o que permite associá-lo a um campo muito mais amplo e repleto de conexões para serem levadas em consideração. Situando o artesanato como fruto de relações sociais, aspirando valores do local e por quem é produzido, abrangendo conceitos econômicos e de consumo, inseridos em um ciclo de produção - circulação - consumo. Outras visões bem específicas de autoras trazem percepções e valores estéticos, territoriais e relacionais associados ao conceito da palavra artesanato.

Nessa perspectiva, é possível ainda captar, a partir dos contextos situados dos trabalhos analisados, que todos se assemelham: são comunidades distantes de centros urbanos, sem grandes investimentos de políticas públicas e com artesãos muitas das vezes com pouco acesso à informação, assim como, ao mercado. Nesse recorte a vulnerabilidade se torna alicerce das práticas do padrão que retroalimenta o sistema capitalista, importando majoritariamente o retorno financeiro como substancial do processo.

No âmbito da **cadeia produtiva**: Milton Santos (1985), novamente Canclini (1983) e Krucken (2009) e Sergio Buarque (2008) são mencionados para embasarem o processo produtivo e seus valores. Tendo em vista os trabalhos analisados, em sua maioria, situam a cadeia produtiva em um fluxo de pessoas, mercadorias, informações e capital, aspectos esses indissociáveis para o êxito do ciclo produtivo. Além dessa observação, em muitos dos estudos os autores congregam suas ideias a conceitos das áreas da Administração e Marketing – como exemplo os 4 Ps: Produto, Preço, Praça e Promoção, atrelando exclusivamente valores da transformação de matéria-prima à economia.



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



X Simpósio
de Design
Sustentável
Mundos por vir



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

Em adição, percebe-se que a localização territorial na qual o trabalho foi desenvolvido interfere nos atributos de valor do produto artesanal e, em se tratando da complexidade da cadeia produtiva, exemplos distintos encontramos entre Tabosa *et al.* (2016), desenvolvido em Pernambuco, e Noronha *et al.* (2022), desenvolvido no Maranhão. Embora ambos os trabalhos tenham sido desenvolvidos na região nordeste, a cadeia produtiva na percepção dos autores pernambucanos reforçam prioritariamente o ideal capitalista como princípio, meio e fim do fluxo produtivo. No caso maranhense, além de concepções econômicas, valores como autonomia financeira (individual e comunitária), bem-estar e preocupações com o futuro do trabalho artesanal, conseguem ser percebidos de maneira muito clara. Nessa observação, consultados os dados do Instituto Brasileiro de Economia (IBRE)⁷, cabe ressaltarmos as diferenças evidentes entre os dois Estados, considerando o peso econômico, os índices de extrema pobreza e a distribuição geográfica, todos esses fatores enrijecem a visão capitalista do sistema produtivo posto no caso do Cabo de Santo Agostinho/PE. Em contrapartida, validando a visão oposta apresentada nos casos situados no Maranhão, todos os cenários perante os indicadores econômicos e sociais nos permitem pensar e agir sob diferentes ângulos para articular o fluxo produtivo, ponderando, substancialmente, pontos que promovem à dignidade o que intrinsecamente está associada ao bem-estar e autonomia humana.

No âmbito dos **atravessadores**: relatos específicos em Gonçalves *et al.* (2023), Nonato e Cavalcanti (2016), Tabosa *et al.* (2016) e Rituay *et al.* (2019) trazem à tona essa figura do personagem na relação com a cadeia produtiva. No primeiro, a menção conecta os problemas de aquisição da matéria-prima, atrelando a privação de conhecimento dos beneficiadores de sementes no compartilhamento de saberes com os artesãos. Nos demais estudos citados acima, a noção de “atravessador” está muito associada a ideia de quem vende e que os artesãos necessitam deles para obter êxito no ciclo da cadeia produtiva. Em outros casos, como analisado em Fronza e Mello, (2022) o próprio designer é usado como exemplo de um atravessador/intermediador importante para favorecer o produto no mercado.

Por meio desta Revisão de Escopo identificaram-se trabalhos, embora escassos e limitados, quanto ao campo do “design e cadeia produtiva do artesanato”. Percebe-se que a maioria desses estudos tem origem em pesquisas desenvolvidas na região Nordeste, o que nos leva a associar fatores formativos às influências coloniais, abordados na introdução desse trabalho e a comprovar as potencialidades existentes na dimensão macroterritorial.

Tratando-se dos contextos situados no âmbito da cadeia produtiva do artesanato, diversos aspectos, destacando o cultural e o geográfico, interferem na interpretação e associação de seu significado, como representado resumidamente no Quadro 5:

⁷ Matéria disponível no link: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/perfil-da-populacao-em-extrema-pobreza-diferencas-regionais-e-entre-os-estados-do-nordeste>



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



X Simpósio
de Design
Sustentável
Mundos por vir_



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

Quadro 5 – Síntese comparativa do conceito de cadeia produtiva e artesanato

Termo	Conceito interpretado
Cadeia Produtiva	Fluxo de pessoas, mercadorias, informações e capital;
	Conexões para a sobrevivência política e social;
Artesanato	Produto de troca financeira, com valor estético-cultural com fins de gerar capital;
	Elo de conexão com o ambiente, com valores subjetivos que não prioritariamente tem fins monetários.

Fonte – Elaborado pelos autores (2025)

Existem muitos outros trabalhos quando associamos apenas duas palavras das combinações protocolares que estabelecemos, por exemplo, “design + artesanato” mais de 200 artigos são encontrados com a filtragem, no entanto em contextos mais amplos e que não eram oportunos para nossa análise. Além dessa observação, percebemos também a limitação da dimensão do “atravessador”, em nenhum dos estudos trata-o como fator lesivo à autonomia do artesão, ao desenvolvimento do grupo/comunidade e remuneração financeira quanto a mercadoria comercializada.

No intuito de situarmos conceitualmente os trabalhos analisados nesta pesquisa, foi desenvolvida uma nuvem de palavras para representar os temas presentes no nosso contexto de estudo – design, cadeia produtiva e artesanato e os campos que se correspondem, conforme representado na Figura 2:

Figura 2 - Nuvem de palavras com uso da ferramenta “Venngage”



Fonte – Elaborado pelos autores (2025)



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir_



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

Nessa representação podemos entender que as palavras com maior tamanho foram as que mais destacaram-se e repetiram-se entre todos trabalhos e, representam boa parte das palavras-chaves do protocolo de pesquisa; além disso, palavras localizadas mais aos extremos foram diretamente associadas às principais ao centro, não necessariamente presentes em todos trabalhos, mas com atribuições relevantes que fazem correspondência com o critério de inclusão da pesquisa; por fim, uma terceira observação, as palavras menores aparecem, embora pontualmente em um dos trabalhos, mas de forma muito significativa e potente à caracterizar a prática do designer e colaborar criticamente com esta pesquisa.

Resumidamente, entende-se o design e artesanato como ponto central das relações nesse complexo de valores que transitam pela cadeia produtiva, impossível considerá-los isoladamente, dessa forma, é propenso a entender os diversos fatores (termos) que influenciam esse encadeamento.

4 Considerações e Reflexão

Em suma, por meio desta investigação, identificamos a essencialidade do design na contemporaneidade na mediação da cadeia produtiva do artesanato, levando em consideração as tarefas vinculadas como criação, produção, comercialização e o consumo da mercadoria. Deixando evidente uma função, não em um modo imperativo que gere dependência, mas como propulsor de autonomia e autorreflexão política dos artesãos. Reforçando, com essa atitude, a necessidade de posicionamento do designer na sociedade. Há críticas por algumas das intervenções praticadas nesses estudos levantados, especialmente por estarem situadas reforçando ideais capitalistas.

Em adição, poucas são as produções, com isso fica clara a necessidade de que futuras pesquisas concentrem-se no aprofundamento das relações que englobam atravessadores, a cadeia produtiva e o artesanato, levando em consideração as influências e objeções provocadas ao artesão e os fatores intrínsecos à cadeia. Além disso, os resultados encontrados, mesmo com busca em outros idiomas, dão ênfase quanto ao contexto cultural brasileiro. Para mais, se faz necessário questionarmos sobre soluções viáveis para que os artesãos conquistem à autonomia do seu processo produtivo, evitando de todas as formas, a presença de outros, inclusive de designers, como colonizadores de suas mercadorias.

Concluindo, a pesquisa atendeu o objetivo proposto e oferece relevantes subsídios para investigações preliminares e para outros estudos em andamento no âmbito do “design e política”.

Agradecimentos

O presente trabalho foi desenvolvido com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), através da concessão de bolsa de estudo de Mestrado, nº do processo 88887.186803/2025-00.



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



**X Simpósio
de Design
Sustentável**
Mundos por vir



Referências

ANDRADE, M. C. D. **A questão do território no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

ARKSEY, H; O'MALLEY, L. *Scoping studies: towards a methodological framework*. [Estudos de escopo: em direção a uma estrutura metodológica] **International Journal of Social Research Methodology**. p. 19-32. ISSN 1364-5579.

BONSIEPE, Gui. **Design, cultura e sociedade**. São Paulo: Blucher, 2011.

BORGES, A. **Design + Artesanato: o caminho brasileiro**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

BRANDÃO, Pamela de Medeiros; SILVA, Francisco Raniere Moreira da; FISCHER, Tânia Maria. Potencialidades do artesanato no desenvolvimento de destinos turísticos criativos e sustentáveis. In: **Book of Proceedings – Tourism and Management Studies International Conference Algarve**. University of the Algarve, Portugal, vol. 1, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/21886> Acesso em: 05 fev. 2025.

BRASIL, República Federativa do. **Base Conceitual do Artesanato Brasileiro**. Brasília, 2012. Disponível em: <https://redeartesanatobrasil.com.br/2021/10/20/base-conceitual>. Acesso em: 30 jan. 2025.

CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Ubu Editora, 2016. 264p.

CANCLINI, N.G. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/574101512/CANCLINI-N-as-Culturas-Populares-No-Capitalismo>. Acesso em 22 jul. 2025

CORDEIRO, Luciana e SOARES, Cassia Baldini. Revisão de escopo: potencialidades para a síntese de metodologias utilizadas em pesquisa primária qualitativa. **Boletim do Instituto de Saúde - BIS**, v. 20, n. 2, p. 37-43, 2019. Disponível em: <http://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/10/1021863/bis-v20n2-sintese-de-evidencias-qualitativas-37-43.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2025.

ESCOBAR, Arturo. **Sentipensar con la tierra. Nuevas lecturas sobre desarrollo, territorio y diferencia**/ Arturo Escobar. Medellín: Ediciones UNAULA, 2014.

FORTY, Adrian. **Objeto de desejo: design e sociedade desde 1750**. Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

FRONZA, André Luiz; MELLO, Regina Lara Silveira. O papel do designer na circulação do artesanato de comunidades tradicionais. In: **Anais do 14º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**. São Paulo: Blucher, p. 7820-7836. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HÖFLING, Eloisa De Mattos. Estado e Políticas (Públicas) Sociais. In: **Cadernos Cedes**, ano XXI, nº 55, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-32622001000300003>. Acesso em: 19 fev. 2025.



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



X Simpósio
de Design
Sustentável
Mundos por vir_



INSTITUTO
FEDERAL
Maranhão



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

GONÇALVES, V; SILVA, G. D. A; BENATTI, L. P. Joia de território no estado do Pará: uma análise da cadeia produtiva dos adornos com sementes nativas. In: **MIX Sustentável**, v.9 n.4, 113–12, 2023. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/mixsustentavel/article/view/6288>. Acesso em: 22 jul. 2025.

KRUCKEN, L. **Design e Território**: valorização de identidades e produtos locais. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

LIMA, Márcio Soares. **O Averso**: alcances e limites da consultoria em design na Associação de Mulheres da Agulha Criativa, em São João dos Patos - MA. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Design/CCET) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

LEMONS, Maria Edny Silva. **O artesanato como alternativa de trabalho e renda**: avaliação do Programa Estadual de Desenvolvimento do Artesanato no Município de Aquiraz-Ce. Dissertação (Mestrado em Avaliação de Políticas Públicas) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza-CE, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/1484> Acesso em: 15 fev. 2025.

MANZINI, Ezio. **Design quando todos fazem design**: uma introdução ao design para a inovação social. Tradução Luzia Araújo. São Leopoldo, RS: Ed. UNISINOS, 2017. 254p.

MARGOLIN, V. O Designer Cidadão In: **Revista Design em Foco**, v. III n.2, jul/dez 2006. Salvador: EDUNEB, 2006, p. 145-150. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=66111515011> Acesso em: 18 fev. 2025.

MAYORGA, Maria Irles de Oliveira; OLIVEIRA, Antônio Dimas Simão de. Os impactos da participação do atravessador na economia do setor agrícola: um estudo de caso. In: **Anais do Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural – SOBER**. Brasília-Distrito Federal: SOBER, v. 1, 2005, p. 1-13. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/5335>. Acesso em: 18 fev. 2025.

MOURA, Mônica Cristina. Design para o sensível: política e ação social na contemporaneidade. In: **Revista de Ensino em Artes, Moda e Design**, Florianópolis, v.2, n.2, p.44–067, 2018. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/ensinarmode/article/view/1196>. Acesso em: 18 fev. 2025.

NONATO, Clarissa Borges; CAVALCANTI, Virgínia Pereira. A rede nossa de cada dia: um estudo de caso sobre a rede de dormir artesanal na associação Xique-Xique em Pedro II – Piauí. In: **Anais do 12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design**, v. 9, n. 2. São Paulo: Blucher, 2016, p. 5141-5152.

NORONHA, Raquel. “Reflexões sobre as cadeias produtivas do artesanato de Alcântara”. In: **Identidade é valor**: as cadeias produtivas do artesanato em Alcântara. São Luís: EDUFMA, 2011, p. 77-109.

NORONHA, Raquel. O designer orgânico: reflexões sobre a produção do conhecimento entre designers e louceiras em Itamatatua – MA. In: **Ecovisões projetuais**: pesquisas em



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



X Simpósio
de Design
Sustentável
Mundos por vir_



INSTITUTO
FEDERAL
Maranhão



PPGDg UFMA
Programa de
Pós-Graduação
em Design

design e sustentabilidade no Brasil: pesquisas em design e sustentabilidade no Brasil. São Paulo: Blucher, 2017, p. 277-294. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-details/22-20557/>. Acesso em: 03 fev. 2025.

NORONHA, Raquel. Colaborar. In: **Design e artesanato 22 verbos - 22 autores**. Paoliello, Carla (coord.) Albino, Cláudia (coord.). Aveiro: UA Editora, 2022. Disponível em: <https://ria.ua.pt/handle/10773/36235> Acesso em: 18 fev. 2025.

NORONHA, Raquel, , PORTELA, R.L, FARIAS, L.G.D. Design, artesanato e participação: reflexões para a autonomia produtiva das mulheres no Maranhão. In: **DAT Journal**, v.7, n4. 2022, p. 124–143. Disponível em: <https://doi.org/10.29147/datjournal.v7i4.642>. Acesso em: 20 jul. 2025

PORTELA, Raiama Lima. **Correspondências por meio de ferramentas de design:** artesanato e empoderamento (ou aprisionamento?). 2018. 130 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Design/CCET) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

RAMOS, Marcos Roberto; DELFINO, Tayller Costa; FURTADO, Bruna Franciely; "Design como estratégia de potencialização do artesanato local: estudo de caso da Associação dos Artesãos da Meia Praia". In: **Anais do 13º Congresso Pesquisa e Desenvolvimento em Design**. São Paulo: Blucher, 2019, p. 5886-5893.

RIBEIRO, Darcy, 1922-1997. **O povo brasileiro:** a formação e o sentido do Brasil. 3ª Edição – São Paulo: Global, 2015.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Políticas culturais no Brasil:** passado e presente. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 29-48. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/7661>. Acesso em: 20 fev. 2025.

RITUAY YOPLAC, R. F; REYNA Marín, Y.; TORREJON LLAJA, J. A. (2020). *Estrategias de comercialización para mejorar la cadena de valor de la artesanía en la Región Amazonas*. In: **Revista Científica UNTRM: Ciencias Naturales e Ingeniería**, 2019, p.47–51.

SANTOS, Aguinaldo dos. **Seleção do método de pesquisa:** guia para pós-graduando em design e áreas afins. Curitiba, PR: Insight, 2018.

SANTOS, Jessyane Alves dos et al. *Handicraft Productive Chain: a mapping of the ceramic women of the flor do barro group through the social and sustainable dimensions of the historical context of Alto do Moura, Caruaru - Pernambuco - Brazil*. In: **E-Revista Logo**, Santa Catarina, v. 12, n. 1, 2023, p. 110-129. Disponível em: <https://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/erevistalogo/issue/view/634>. Acesso em: 22 jul. 2025.

SARAIVA, Gisele Reis Correa; et al. Juçara da Minha Cor: Reconhecendo e Valorizando o Território". In: **Anais do 13º Congresso Pesquisa e Desenvolvimento em Design**. São Paulo: Blucher, 2019, p. 4365-4379.



**JOP'25
DESIGN**
VI Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

3 a 5
DEZ
2025

São Luís - MA



X Simpósio
de Design
Sustentável
Mundos por vir_



SIRITO, Marina; ANASTASSAKIS, Zoy. Reflexões sobre design no fomento ao artesanato: uma análise em Pernambuco. *In: Arcos Design*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, 2024, p. 583-601. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>. Acesso em: 22 jul. 2025.

TABOSA, Tibério; *et al.* Processos culturais e cadeia produtiva do artesanato: uma análise sobre a Cerâmica do Cabo de Santo Agostinho/PE, Brasil. *In: Anais do 12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*, v. 9, n. 2]. São Paulo: Blucher, 2016, p. 3857-3868.